

PERCEPÇÕES SOBRE A FUNÇÃO SOCIAL DO ESCRITOR EM MEADOS DO SÉC. XX: UMA LEITURA DE *GUERRA SEM TESTEMUNHAS* E *A HORA DA ESTRELA*

Iolanda Silva BARBOSA¹

RESUMO: Apresentamos neste artigo uma análise de aspectos referentes à função social do escritor em *A hora da estrela* (1977), de Clarice Lispector e em *Guerra sem Testemunhas* (1969), de Osman Lins. A partir dessas obras, analisamos especialmente as capacidades e incapacidades do escritor de compreender e registrar condições de pobreza e a própria realidade social como um todo. Buscaremos elucidar também a influência e a relevância dessa função e seus desdobramentos.

PALAVRAS-CHAVE: função social do escritor; Osman Lins; Clarice Lispector.

1. Introdução

Nos estudos literários, são muitas as discussões em torno da função social do escritor, desde a formação de sua identidade até a possibilidade, alcances e limites de um possível engajamento literário, de maneira a compreender o papel que o escritor desempenha na sociedade, sua influência sobre a realidade social e sua capacidade de transformá-la.

Nos trabalhos que se dedicam a essa temática, no entanto, as obras de Clarice Lispector foram por vezes desconsideradas, acusadas de hermetismo e alienação ante a realidade política e social de seu tempo, dado o seu caráter introspectivo e intimista. No entanto, obras como *A Hora da Estrela* (1977) demonstram o contrário.

O romance, que narra a miserável existência da nordestina Macabéa, é muitas vezes compreendido simplesmente como uma narrativa sobre a pobreza social e humana, mas na verdade vai muito

¹ Graduanda em Letras- Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Uberlândia: Instituto de Letras e Linguística (Uberlândia, Minas Gerais, Brasil). Este trabalho é resultado de pesquisa realizada pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, financiada pelo CNPq e orientada pela Profa. Dra. Carolina Duarte Damasceno (ILEEL-UFU) entre Agosto/2017 e Julho/2018. (sbarbosa.iolanda@gmail.com)

além disso: através de seu narrador-personagem Rodrigo S.M., nos vemos defrontados por uma profunda e contundente análise e crítica à figura do escritor, suas limitações e contradições.

A partir disso, percebe-se o quanto a obra apresenta valioso material para análises a respeito da função social do escritor, em especial no que se refere a seus alcances e limites de compreensão e influência sobre a realidade social, ao fazer da pobreza não apenas temática, mas também elemento estrutural e determinante no processo de construção da narrativa.

Tendo a análise desses aspectos como condutores deste trabalho, consideramos a fortuna crítica de *A hora da estrela*, nos debruçando também sobre alguns dos estudos a respeito da função social do escritor e de seu engajamento, com destaque para o ensaio *Guerra Sem Testemunhas* (1974), no qual Osman Lins aborda diversos aspectos próprios ou relacionados à figura do escritor. Contemporâneo à Clarice, o autor busca responder a muitos dos mesmos questionamentos feitos por ela ao narrar a vida de Macabéa, embora pelo viés ensaístico, lançando luz sobre várias das questões abordadas neste trabalho.

Para esta análise também consideramos as contribuições teóricas de Antonio Candido, a partir principalmente de sua obra *Literatura e Sociedade* (1965), e as reflexões de Jean-Paul Sartre em *Que é Literatura?* (1947), obras que embasam as discussões aqui apresentadas.

Neste artigo, portanto, pretendemos apresentar alguns apontamentos a respeito de aspectos relacionados à função social do escritor. Para isso, apresentamos um apanhado teórico sobre a função social do escritor e sobre a *literatura engajada* e uma análise de como essas temáticas são abordadas em *A hora da estrela*.

2. Literatura e engajamento

Em meio ao amplo repertório teórico referente à função social do escritor, algumas das discussões que mais se destacam são as que se referem à possibilidade de seu engajamento e a produção de uma

literatura engajada, além de reflexões sobre os limites da linguagem e da representação da realidade.

Nesse sentido, também é fundamental a análise da maneira como essas questões interferem na ação do escritor em sua relação com o mundo e em sua própria obra. A partir disso, nos dedicamos a apresentar um breve apanhado de alguns apontamentos teóricos a respeito dessas discussões.

Inicialmente, consideramos as importantes contribuições de Antonio Candido a respeito do tema. Ao discutir crítica e sociologia em *Literatura e Sociedade*, Candido se ocupa em descrever estudos literários que tomam um viés sociológico, organizando-os em seis modalidades, entre as quais os estudos sobre a relação entre o conjunto da obra literária e as condições sociais e a relação entre obra e público.

A análise apresentada neste trabalho se insere na modalidade descrita por Candido como aquela “que estuda a posição e a função social do escritor, procurando relacionar a sua posição com a natureza de sua produção e ambas com a organização da sociedade.” (CANDIDO, 2000, p.11)

Tal modalidade de análise apresenta diversos desafios, dada a sua amplitude, profundidade e as próprias contradições que perpassam a figura do escritor, seja em sua obra ou em sua própria vida. Relacionar a obra de um escritor à sua atuação e à sua relação com a sociedade, avaliando seu efeito sobre ela, nos leva naturalmente a diversas outras reflexões, entre as quais a principal é justamente a que questiona qual seria de fato a função social de um escritor.

Tal função se restringe à produção de obras que retratam e denunciam a realidade social, ou vai além disso, exigindo uma atuação direta do escritor?

Nesse sentido, Candido acredita que a realidade social é componente da estrutura literária e que, portanto, a interpretação integral de um texto literário deve se dar a partir da análise do texto em si, mas também de seu contexto, de seus fatores internos e

externos, que interferem sobre sua estrutura, tornando-se elementos estéticos.

Tal visão parece tornar indissociáveis a literatura e a realidade. No entanto, como se sabe, a própria transposição da realidade para a literatura apresenta suas limitações e distorções. Sobre essa perspectiva, no prefácio à terceira edição de *Literatura e Sociedade*, Candido aponta que a análise literária por vezes se dá através do processo em que a realidade social necessariamente é considerada como elemento estruturante: “a realidade social se transforma em componente de uma estrutura literária, a ponto de ela poder ser estudada em si mesma; e como só o conhecimento desta estrutura permite compreender a função que a obra exerce.” (CANDIDO, 2000, p.1)

Se a realidade é então parte estruturante da obra e indispensável para que possamos compreendê-la, há de se pensar que, apesar de suas diversas limitações, o escritor, enquanto indivíduo, parte de uma sociedade e inserido em determinada realidade social, sempre traduz em suas obras aspectos relacionados àquilo que vivencia.

No entanto, como compreender a representação da realidade social e a própria função do escritor nas obras em que o autor retrata um contexto social muito diferente daquela à qual pertence, como no caso de *A hora da estrela*?

Embora, como dito anteriormente, saibamos que *A hora da estrela* reflita recorrentemente sobre essa problemática, tal questionamento exige uma abordagem mais detida dos elementos sociais formadores da matéria narrada, as circunstâncias de sua elaboração e a função da obra e de seu próprio autor.

Pela configuração da análise em si, centrada na figura do escritor e sua função, Candido relaciona a posição social do escritor com a consciência grupal: “a posição do escritor depende do conceito social que os grupos elaboram em relação a ele [...] Este fator exprime o reconhecimento coletivo de sua atividade, que deste modo se justifica socialmente.” (CANDIDO, 2000, p.69)

Desse modo se confirma a ideia de que a função social do escritor só se constitui a partir da consideração da produção literária como uma atividade socialmente reconhecida e justificada, ou seja: logicamente, a relação do escritor com a realidade à qual pertence é determinante no caráter de sua obra, sua avaliação e recepção por parte desse mesmo grupo.

Também nesse sentido, Antonio Candido, em *Formação da Literatura Brasileira* (1959), aponta para a concepção muito presente nos escritores românticos de que a literatura constituiria uma missão, baseada em um nacionalismo que, segundo ele, constitui um “conceito social da consciência grupal” (CANDIDO, 2000, p.69) e que se pautava por um projeto de construção política do país.

Como se sabe, o expoente de maior destaque dessa configuração é a obra de José de Alencar, que buscou representar diversos campos e estratos sociais do Brasil do século XIX, por vezes retratando realidades muitíssimo diferentes da sua, em seus aspectos culturais, sociais e econômicos.

Podemos perceber, portanto, a amplitude dos papéis assumidos e desempenhados pelos escritores do período, mas ao mesmo tempo avaliar e analisar criticamente a relevância e os desdobramentos desse projeto, bem como suas limitações, já que, como buscamos elucidar neste trabalho, a relação entre escritor e sociedade é perpassada por diversas problemáticas.

Jean-Paul Sartre, em *Que é Literatura?* (1947), reflete sobre essas problemáticas e, de forma mais direta e enfática, defende que a escrita compele ao engajamento. Segundo ele, “escrever é uma certa maneira de desejar a liberdade” (SARTRE, 1993, p.53) e, portanto, a produção literária poderia ser um meio de condução à defesa da liberdade e possuir, além disso, consciência revolucionária.

Nesse sentido, Sartre ressalta a importância de se “tomar partido”, defendendo que a própria literatura, em sua essência, é uma tomada de posição.

Por esse viés, a função social do escritor deixa de ser a mera representação de uma dada realidade e passa a prescindir também

uma tomada de posição, da constituição de uma clara opinião a respeito dela.

Essa defesa de Sartre torna a questão ainda mais ampla, uma vez que envolve de forma mais direta aspectos ideológicos e partidários, conduzindo-nos também a refletir sobre a participação de escritores nos processos históricos e a analisar de que forma e em qual grau suas produções literárias interferiram neles. Neste trabalho, no entanto, nos dedicamos a analisar mais detidamente apenas a forma como a relação entre o escritor e uma realidade social mais prática é entendida em *Guerra sem testemunhas* e como é representada em *A hora da estrela*.

Sartre, ao considerar a própria função do escritor, também ressalta a importância da construção social desse papel, constituído mais pela visão da própria sociedade do que pelo ofício da escrita em si.

Tal papel seria fruto de demandas às quais o autor se vê exposto e as quais precisa assumir, ainda que deseje modificá-las: “Qualquer que seja o papel que ele queira desempenhar, tem de fazê-lo a partir da representação que os outros tem dele. Pode querer modificar o papel atribuído ao homem de letras numa dada sociedade, mas para mudá-lo é preciso primeiro se amoldar nele.” (SARTRE, 1993, p. 62) Dessa forma, Sartre entende que o papel que se atribui ao escritor pode se moldar às necessidades, mas também à própria vontade do escritor.

Assim como a *consciência grupal* de Candido, Sartre também destaca o papel da sociedade na definição e nos desdobramentos da função de um escritor com relação a ela: “a literatura manifesta tanto melhor a subjetividade do indivíduo quanto mais profundamente traduz as exigências coletivas” (SARTRE, 1993, p.120).

No entanto, o autor também denuncia a dissimulação com que se apresenta o engajamento da maioria dos escritores. Segundo ele, por vezes o escritor superestima sua capacidade de compreensão e solidariedade em relação a realidades sociais que, na prática, ele desconhece e até mesmo contra as quais muitas vezes atua, ao manter relações de cumplicidade com os próprios opressores.

Nesse sentido, Sartre acredita que o escritor, quando se lança ao desafio de retratar a realidade, muitas vezes dissimula sua compreensão dela. Diante disso, ele defende que bastaria ao escritor:

[...] persuadir-se, quando se pertence à classe opressora, de que se pode escapar à sua classe pela grandeza dos sentimentos e, quando se faz parte dos oprimidos, dissimular a cumplicidade com os opressores, sustentando que é possível se manter livre mesmo acorrentado, desde que se tenha o gosto pela vida interior. (SARTRE, 1993, p. 61)

Dessa forma, Sartre compreende que o engajamento literário possui um tom de dissimulação e se baseia em uma relação pactual de consciência por parte do escritor na forma como ele lida com o contexto em que se insere e com sua própria produção literária.

Além de uma tentativa de dar à literatura um sentido e uma função social mais nítida e ampla, Sartre defende uma tomada de consciência e a elaboração de um plano para que tal função se constitua, podendo assim deixar de ser uma ação espontânea.

Sua concepção é a de que o escritor é um mediador, e que seu engajamento se baseia justamente nessa capacidade ou tentativa de mediação e, como dito acima, Sartre defende que muitas vezes essa interação dissimula sua indiferença e distanciamento.

Considerando os apontamentos de Sartre, portanto, vemos que a simples intenção de se retratar uma realidade social não basta como denúncia ou real contribuição para sua mudança, sequer se vale como garantia de real compreensão dela, o que leva a questionar-se inclusive o valor dessa preocupação social do escritor, que muitas vezes não passa, segundo Sartre, de dissimulação.

3. A função social do escritor em *Guerra Sem Testemunhas*

Osman Lins, assim como os teóricos anteriormente abordados, também traça algumas reflexões acerca da identidade, formação e função do escritor, destacando a suposta obrigação e responsabilidade moral a que ele está submetido. Segundo ele, “A

determinação moral, mesmo sustentada por uma disposição intelectual favorável ao esforço criador, constitui uma preliminar.” (LINS, 1974, p.26)

Essa percepção acrescenta um novo elemento à constituição do papel social do escritor: a questão moral. O engajamento ou, antes disso, a simples discussão das temáticas sociais, seria, segundo Lins, um dever e até mesmo uma necessidade básica e imperiosa na literatura, requerendo, de certo modo, a imersão na realidade. Tal imersão é discutida em *A hora da estrela*, tal como abordaremos logo adiante.

Lins reforça o valor do papel do escritor, defendendo que “só o escritor é capaz de pesquisar, apreender e disciplinar, ao jugo de palavras exatas, realidades esquivas” (LINS, 1974, p.19).

Tal concepção sustenta a defesa da literatura enquanto missão, já mencionada anteriormente, uma vez que confere ao escritor a capacidade e a conseqüente responsabilidade de retratar a realidade. E, ainda mais, o retrato de realidades “esquivas”, nas diversas possibilidades que essa ideia possa representar, enquanto desafio de compreensão para a própria sociedade.

Lins aponta, no entanto, que a literatura nem sempre se constitui como esse exercício de apreensão e interpretação do mundo, já que pode ser até mesmo um meio de fuga a esse esforço.

Segundo o autor, a *literatura engajada* pode tornar-se uma válvula de escape, se desvirtuando do verdadeiro empenho do escritor para com o mundo. O autor entende que essa problemática passa pela dificuldade humana em encarar o mundo e pelo desejo, na maioria das vezes, de fugir dele. Isso se traduziria, segundo Lins, na frequente recusa em se aproximar ou até mesmo em se olhar para a realidade que nos cerca.

Nesse sentido Lins se aproxima muito de Sartre, na denúncia que o filósofo faz à dissimulação de engajamento e ao pacto e conciliação com os opressores, tal como discutimos anteriormente. Segundo ambos os autores, portanto, não basta somente a intencionalidade do engajamento, uma vez que ela pode facilmente desviar-se e contradizer-se, atendendo a interesses individuais.

No que se refere especificamente à figura do escritor, essa problemática se torna ainda mais evidente: por vezes, mesmo se esforçando para retratar determinada realidade social, o escritor não apenas a distorce ou lida com ela de maneira superficial, como também se isola e se afasta desse mesmo contexto ou do contexto em que de alguma forma está inserido.

Desse modo, a escrita, até a que se pretende mais engajada, deixa de cumprir com essa suposta preocupação social preliminar, podendo até mesmo tornar-se a dissimulação que Sartre denuncia. Num movimento contraditório, essa intenção se transforma então em alienação e escapismo, tal como Lins aponta no seguinte trecho:

[a literatura] não constitui inevitavelmente um exercício de apreensão do mundo; chega a ser, por vezes, meio de fugir a esse esforço. Inclusive a responsabilidade invocada e exigida pela chamada literatura *engagée* nem sempre escapa de se transformar em válvula de escape, fuga ao verdadeiro empenho que é o do escritor com o mundo." (LINS, 1974, p.62)

Nos deparemos então com uma outra compreensão de literatura, contrária ao que pretende a literatura engajada: aquela que entende a literatura como meio de fuga da realidade, como simples entretenimento, sem nenhum compromisso com o retrato, a denúncia ou a intervenção na realidade social. Lins chama atenção inclusive para o risco de obras pretensamente engajadas se tornarem obras escapistas: risco ao qual, como vimos anteriormente, o próprio escritor também está submetido.

Nesse sentido, ainda em *Guerra Sem Testemunhas*, Osman Lins aponta o que, segundo ele, são os dois caminhos abertos à literatura em sua relação com o mundo: o de "fechar o espírito ao mundo sensível; [ou] sorver com apetite o mundo sensível" (LINS, 1974, p.69), ao mesmo tempo que, segundo ele, resta ao ficcionista duas alternativas: a de servir ao mundo ou a de enfrentá-lo:

Servi-lo implica em estudo e análise, mas repudia a imersão no âmago das coisas, apenas rondando a sua intimidade e passivamente registrando a ordem que as rege; enfrentá-lo, ao

contrário, se não desdenha análise e estudo, compreende uma insurreição contra o mundo e o esforço agressivo de submetê-lo a uma ordem que estabelecemos. (LINS, 1974, p. 73)

A partir desse apontamento, percebemos o quanto a relação do escritor com a sociedade não parte apenas de uma construção social, mas também de uma escolha do próprio autor, o que se liga diretamente à postura de dissimulação ou de esforço moral do indivíduo que pretende retratar a realidade.

Nesse ponto nos defrontamos de forma mais direta com uma das principais questões analisadas nos estudos sobre a função social do escritor: as possibilidades e limites do engajamento literário.

Apesar de caber ao escritor a escolha entre a conformação ou o confronto com relação ao mundo, e à literatura a decisão entre utilizar-se do mundo sensível, imergindo nele e sorvendo-o, ou negá-lo, a realidade em si apresenta seus desafios de compreensão e representação.

Pelo que consideramos até aqui dos apontamentos teóricos referentes à função social do escritor, podemos dizer que, para produzir uma literatura que se pretenda socialmente comprometida, é necessário que o escritor, após ser reconhecido como tal em sua realidade social, possua uma convicção e um empenho que o façam se abrir ao mundo e se embrenhar nele, sem falsas pretensões ou dissimulações.

Além disso, há ainda a necessidade do esforço contínuo por parte do escritor para que, nem ele e, conseqüentemente, nem sua obra, se desviem dessa intenção de engajamento. Mas a partir dessa compreensão de como se dá o engajamento, questiona-se até que ponto o próprio escritor está disposto e apto para tal relação com o mundo e, para além disso, se a literatura consegue de fato imergir e traduzir a realidade, em especial a realidade social, suas injustiças e contradições.

Somado a isso, sob o risco de tornar-se escapista ou de capitular com aquilo que pretende questionar, o escritor se vê exposto ao desafio de retratar a realidade sem aceitá-la ou conformar-se com ela. Ao se levar em conta a tentativa de apreender o mundo e

determinada realidade social, naturalmente se toma de empréstimo a sua linguagem e o seu *modos operandi* para que se possa compreendê-la e retratá-la de forma mais fidedigna. Esse empréstimo requer uma profunda e difícil imersão, que é discutida por Osman Lins:

[...] a sábia análise, o delineamento fiel das paixões, a transposição do mundo visível, família, para o romance, são um pacto, uma atitude complacente em face do mundo, que estabelece um convívio difícil, mesmo quando assume posição de denúncia. (LINS, 1974, p.72)

Essa é uma visão que percebe de forma bastante radical a questão da representação da realidade na literatura, ao determinar que, ao representar determinada realidade social, automaticamente o escritor está se conformando com ela. Essa concepção, portanto, limitaria e até mesmo anularia, de certa forma, qualquer possibilidade de engajamento literário.

O esforço de se retratar uma realidade social também se vê diante de uma outra grande problemática: a tentativa de dar voz a setores sociais marginalizados, não sendo parte desse contexto. Esse processo naturalmente conduz ao risco de que o escritor deforme a realidade que pretende retratar, e até mesmo anule a voz do indivíduo marginalizado, em sua realidade específica e subjetividade, substituindo-a por seus interesses e por sua própria voz. Seria então realmente possível retratar uma realidade social alheia com a intenção de denunciá-la ou transformá-la?

Sabe-se que tal discussão assume atualmente cada vez mais centralidade em debates sobre as questões sociais, especialmente em questões feministas e raciais. Diversos trabalhos têm se dedicado à essa questão, como *O que é lugar de fala?* (2017), de Djamila Ribeiro. Neste trabalho, no entanto, nos detemos a apresentar as percepções de autores de meados do século XX, especificamente nos contornos que o problema assume na literatura.

Se analisada especificamente pelo viés da própria linguagem, a questão dos limites na representação da realidade alheia se torna ainda mais complexa, afinal, como apreender a realidade através de

uma linguagem que lhe seja fiel e verdadeira, sem corrompê-la? Segundo Antonio Candido, em *Literatura e Sociedade*, é necessário ter consciência da incapacidade de se ter uma relação de total fidelidade entre a realidade e a sua representação artística, entre a *mimese* e a *poiese* (CANDIDO, 2000, p.13), ainda que o escritor busque a imersão social na realidade que pretende narrar.

Daí nasce o esforço de procedimento a que se veem submetidos escritores que se lançam ao desafio de escrever sobre realidades sociais, especialmente as de pobreza e miséria. Tal como veremos adiante, essa problemática é abordada e discutida em *A hora da Estrela*, obra em que se apresenta um novo método na escrita clariceana, que Roncador (2002) denomina “poética do empobrecimento”.

Feito este breve panorama teórico acerca da função social do escritor, em que destacamos o ensaio de Osman Lins e suas repostas dadas às problemáticas apresentadas, passamos à uma análise de *A hora da estrela*, buscando compreender os contornos que essas questões assumem na obra.

4. A função social do escritor em *A hora da estrela*

Muitas das várias leituras e análises de *A Hora da Estrela* se baseiam e dão destaque à abordagem da temática da pobreza na obra, considerando-a como seu elemento principal. No entanto, como dito anteriormente, sabemos que, muito além de tema, a pobreza assume na obra o papel de esteio para a abordagem de questões relacionadas ao papel do escritor na sociedade.

Através da figura do narrador-personagem Rodrigo S.M. e sua relação com Macabéa, e também da utilização da metalinguagem nas reflexões sobre o processo de escrita, a obra oferece amplo material para análise de questões sociais relevantes aos estudos literários e às discussões acerca da literatura engajada.

Primeiramente, é importante apontar que as diferenças tão demarcadas das condições sociais de Rodrigo S.M. e Macabéa por si só já são um elemento que cria diversas contradições na relação entre

narrador e matéria narrada ao longo do processo de escrita. Tais contradições são expressas nas próprias reflexões de Rodrigo, como no trecho em que ele questiona “por que trato dessa moça quando o que mais desejo é trigo puramente maduro e ouro no estio?” (LISPECTOR, 1998, p.25), ironizando profundamente a suposta preocupação das classes mais ricas com relação às classes mais pobres.

A obra ainda vai além da relação entre narrador e matéria narrada, ao abordar também a relação da obra com o público leitor. Rodrigo S.M. acredita que muitas vezes esse público se restringe a classes privilegiadas, e utiliza-se disso para apontar as contradições relacionadas ao engajamento literário. Segundo Rodrigo, a realidade de tais classes seria muito distante da pobreza retratada, que seria apenas um objeto de curiosidade para as classes mais ricas, e não motivo de real preocupação e de desejo de transformação:

[...] se o leitor possui alguma riqueza e vida bem acomodada, sairá de si para ver como é às vezes o outro. Se é pobre, não estará me lendo porque ler-me é supérfluo para quem tem uma leve fome permanente. Faço aqui o papel da vossa válvula de escape e da vida massacrante da média burguesia. Bem sei que é assustador sair de si mesmo, mas tudo o que é novo assusta. (LISPECTOR, 1998, p. 30-31)

O próprio narrador-personagem é a personificação desse contraste entre as realidades sociais e das contradições no relacionamento entre elas. Rodrigo S.M. se vê diante da pobreza de Macabéa, é compelido a “sair de si mesmo”, mas, ao mesmo tempo, utiliza-se da realidade como “válvula de escape”, por vezes sem real preocupação ou intenção de contribuir para sua transformação.

Tal comportamento é relatado pelo próprio narrador que, em suas reflexões metalinguísticas, aponta suas motivações para escrever sobre Macabéa e, de forma mais ampla, sobre a pobreza. Em diversos momentos ele se diz movido pela sensação de dever e desconforto ante aquela realidade, até mesmo afirmando que a figura de Macabéa é extremamente incômoda:

Ela me incomoda tanto que fiquei oco. Estou oco dessa moça. E ela tanto mais me incomoda quanto menos reclama. Estou com raiva...Como me vingar? (...) preciso falar dessa nordestina senão sufoco. Ela me acusa e o meio de me defender é escrever sobre ela. (LISPECTOR, 1998, p. 26)

Coagido pelo incômodo que sente, Rodrigo constata que a única coisa que pode fazer em relação à Macabéa é “mostrá-la para que vós [leitores] a reconheçais na rua...” (LISPECTOR, 1998, p.19). Ainda assim, a obra transcende a estrutura e o conteúdo de um simples relato, dados os desdobramentos da percepção de Rodrigo em sua relação com a realidade que pretende narrar.

Como dito anteriormente, para escrever sobre a realidade e a pobreza, Rodrigo S.M. se vê obrigado a buscar uma nova linguagem, que seja fiel à matéria narrada e que não a corrompa. No entanto, para alcançar essa nova linguagem, é necessário que antes disso o autor consiga imergir na realidade de Macabéa, processo trabalhoso, que é relatado em vários momentos da obra:

[...] para falar da moça tenho que não fazer a barba durante dias e adquirir olheiras escuras por dormir pouco, só cochilar de pura exaustão, sou um trabalhador manual. Além de vestir-me com roupa velha rasgada. Tudo isso para me pôr no nível da nordestina. (...) Para desenhar a moça tenho que me domar e para poder captar sua alma tenho que me alimentar frugalmente de frutas e beber vinho branco...Também tive que me abster de sexo e de futebol...não entro em contato com ninguém...Voltarei algum dia à minha vida anterior? Duvido muito...nada leio para não contaminar com luxos a simplicidade da minha linguagem... (LISPECTOR, 1998, p.20)

A princípio, apesar de se sentir compelido a escrever sobre Macabéa, Rodrigo S.M. se mostra indiferente à personagem em si: “não tenho piedade do meu personagem principal...é um relato que desejo frio...” (LISPECTOR, 1998, p.13). No entanto, ao longo da obra, esse sentimento se transforma: em um primeiro momento em uma dificuldade de se desvencilhar da personagem após se aproximar dela: “Pareço conhecer nos menores detalhes essa nordestina, pois se vivo com ela. E como muito adivinhei a seu respeito, ela se me grudou

na pele qual melado pegajoso ou lama negra.” (LISPECTOR, 1998, p.21). Esse processo pode ser percebido como uma nítida consequência da necessidade de imersão na realidade que se pretende narrar.

Em um segundo momento, o sentimento do autor pela personagem se transforma em empatia e afeto:

Ah, se eu pudesse pegar Macabéa, dar-lhe um banho, um prato de sopa quente (...) estou apaixonado por Macabéa, a minha querida Maca, apaixonada pela sua feiura e anonimato total pois ela não é para ninguém. Apaixonado por seus pulmões frágeis, a magricela. (LISPECTOR, 1998, p. 59)

Esse movimento de aproximação do narrador em relação à Macabéa retoma a discussão sobre as possibilidades e limitações de compreensão e aderência do escritor com a matéria narrada. Exemplo disso é o fato de que, mesmo se compadecendo de sua personagem, o autor reitera continuamente ao longo da obra a sua incapacidade de transformar sua realidade.

Tal questão é percebida já em um dos títulos dados à obra: *Eu não posso fazer nada*, complementar a outro, *Ela que se arranje*, e ainda em trechos como “Juro que nada posso fazer por ela. Afianço-vos que se eu pudesse melhoraria as coisas.” (LISPECTOR, 1998, p.35), trechos que evidenciam a impotência do escritor em transformar, por meio de sua obra, a realidade que retrata.

A partir disso nos vemos diante de um questionamento central no que diz respeito à função social do escritor: seria o seu papel apenas o de dar voz às realidades marginalizadas e oprimidas, mas sem conseguir transformá-las? Seria essa tarefa suficiente e eficaz em sua intenção?

O grito, imagem recorrente em *A hora da estrela*, pode ser compreendido como símbolo dessa limitação, ao considerarmos-lo como representação da voz, da manifestação do sujeito.

Na célebre frase “Porque há o direito ao grito, então eu grito. Grito puro e sem pedir esmola.” (LISPECTOR, 1998, p.13), Rodrigo poderia então estar se referindo ao grito enquanto expressão do

sujeito a respeito de suas questões subjetivas, sobre sua própria realidade social. Tal direito, no entanto, é de fato garantido? Em especial no caso das realidades mais marginalizadas?

Tal direito é mencionado até mesmo em um dos títulos da obra: *O direito ao grito*, que ao mesmo tempo se contrapõe a outro: *Ela não sabe gritar*. Diante desse contraponto é possível estabelecer a seguinte reflexão: do que adianta buscar dar voz a realidades marginalizadas, se elas são ainda incapazes de tomarem o espaço que lhes é de direito? Seria, portanto, dever do escritor falar por elas?

No entanto, ao levar-se em conta as realidades sociais muito diferentes das personagens e a própria dificuldade de Rodrigo S.M. em apreender a realidade de Macabéa, questiona-se até que ponto isso seria possível e até mesmo legítimo.

Nesse sentido, retornamos à problemática da representação da realidade alheia: muitas vezes, ao se querer falar sobre o outro ou pelo outro, acaba-se por silenciá-lo, por distorcer sua realidade ou por apropriar-se do seu protagonismo. Tomando a voz e o “direito ao grito” daquele que buscava representar, há ainda o risco de um escritor projetar a si mesmo nele.

No entanto, sabe-se que a literatura é historicamente utilizada como ferramenta de expressão subjetiva e de testemunho individual e coletivo, registro de caracteres sociais de várias realidades em variadas épocas.

É necessário enxergar tal uso também como um dos grandes desafios e problemáticas da literatura que se pretende engajada: a expressão de um sujeito como projeção de uma realidade alheia àquela que se pretende narrar e a consequente anulação desta e de seus agentes.

Nesse sentido, em alguns momentos de *A hora da estrela*, Rodrigo constata que ele e Macabéa se *intertrocaram* (LISPECTOR, 1998, p.22), consequência da projeção que ele faz: “tentei dar à moça uma situação minha...” (p.59).

Assim, podemos perceber que muitas vezes a realidade que se pretende narrar é perpassada excessivamente por configurações e crenças próprias do escritor, respondendo a suas necessidades e

ambições individuais. É o que se percebe quando Rodrigo S.M. diz “É paixão minha ser o outro...” (LISPECTOR, 1998, p.29), mas ao mesmo tempo assume que “Através dessa jovem dou meu grito de horror à vida” (LISPECTOR, 1998, p.33).

Tais reflexões, no entanto, não pretendem anular ou condenar as tentativas de aproximação da realidade e da utilização da literatura enquanto instrumento de denúncia e transformação social, mas sim suscitar suas problemáticas e limitações, reconhecendo em *A hora da estrela* uma obra que oferece conteúdo para tanto e, em obras como *Guerra sem testemunhas*, um cabedal teórico que se debruça sobre essas questões.

Considerações finais

As questões que buscamos analisar neste trabalho surgiram a partir do reconhecimento de uma problemática principal referente à relação entre literatura e sociedade: a de qual seria a função do escritor e quais seus alcances e limites.

Em *Guerra Sem Testemunhas*, principal obra a que nos referimos neste trabalho, Osman Lins aponta que o próprio ofício literário não é tradicionalmente reconhecido enquanto papel social bem definido e se configura enquanto uma atividade à margem ou simplesmente complementar a outras.

Tal concepção contribui para que escritores constituam um grupo com múltiplas funções, mas de caracterização incerta e abrangência limitada, dificultando uma compreensão mais totalizante de seu papel na sociedade.

Para além disso, ao caracterizar criticamente o papel moral do escritor, Lins reflete sobre o risco de escapismo, problemática também abordada neste trabalho.

Neste artigo nos detivemos na análise da possibilidade do engajamento literário, isto é, da produção de uma literatura que retrate a realidade social, mas que, além disso, esteja comprometida com a sua transformação.

Tal possibilidade inclui diversos desafios e contradições, entre os quais destacamos a necessidade da imersão social, o uso de uma linguagem fiel à matéria narrada e as próprias motivações do escritor.

Por fim, procuramos demonstrar que todos esses aspectos são de uma maneira ou de outra explorados em *A hora da estrela*, desde a figura contraditória do narrador-personagem Rodrigo S.M. e sua metalinguagem, até sua relação com Macabéa.

Os inúmeros desafios de uma escrita pretensamente engajada fazem com que este trabalho não consiga e nem pretenda esgotar e dar respostas a todas as problemáticas identificadas, mas que antes ajudem a suscitá-las e a promover reflexões a partir delas, já que seu objetivo principal foi o de analisar essas diferentes perspectivas e contribuir para essa discussão tão relevante aos estudos literários, criando possibilidades para novos trabalhos e futuras pesquisas sobre o tema.

BARBOSA, I. Percepções sobre a função social do escritor em meados do séc. XX: Uma leitura de *Guerra sem testemunhas* e *A hora da estrela*. *Mosaico*. São José do Rio Preto, v. 18, n. 1, p. 86-104, 2019.

PERCEPTIONS ABOUT THE WRITER'S SOCIAL FUNCTION IN THE MIDDLE OF THE 20th CENTURY: A READING OF *GUERRA SEM TESTEMUNHAS* AND *A HORA DA ESTRELA*

ABSTRACT: We present in this article an analysis of the aspects concerning to the writer's social function in *A hora da estrela* (1977), by Clarice Lispector and in *Guerra sem Testemunhas* (1969), by Osman Lins. Based on these works, we analyse specially the capacities and incapacities of the writer in understanding and registering conditions of poverty and the social reality itself as a whole. We also intent to elucidate the influence and relevance of this function and its unfoldings.

KEYWORDS: writer's social function; Osman Lins; Clarice Lispector.

Referências bibliográficas

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*. 6^a ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda., 2000. 383p.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 8^a ed. São Paulo: Publifolha, 2000. 182p.

FISCHER, Ernst. *A necessidade da arte*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983. 254p.

MOSAICO, SJ RIO PRETO, v. 18, n. 01 p. 86-104

PERCEPÇÕES SOBRE A FUNÇÃO SOCIAL DO ESCRITOR EM MEADOS DO SÉC. XX: UMA LEITURA DE GUERRA SEM TESTEMUNHAS E A HORA DA ESTRELA

LINS, Osman. *Guerra sem testemunhas: O escritor, sua condição e a realidade social*. São Paulo: Martins Editora, 1974. 285p.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. 87p.

NUNES, Benedito. *O Dorso Do Tigre*. São Paulo: Perspectiva, 1976. 279p.

RONCADOR, Sônia. *Poéticas do empobrecimento: a escritura derradeira de Clarice Lispector*. São Paulo: Annablume, 2002. 126p.

ARTRE, Jean-Paul. *Que é a literatura?* 3ª ed. São Paulo: Ática, 1993. 231p.